

NAS BANCAS



A linguísta **Cristiane Carneiro Capristano**: "As análises possibilitam uma melhor intervenção no aprendizado"

Patrocínio faz clube de basquete perder identidade e sair de cena

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Clubes paulistas tradicionais, como Pinheiros, Corinthians, Esperia, Monte Líbano, Palmeiras e Sírio-Libanês, que mantinham fortes equipes de basquete, foram gradativamente se afastando do cenário do esporte, dando lugar a empresas patrocinadoras que buscam a visibilidade de sua marca. O esporte ganha com a entrada de recursos para sustentar as equipes nos campeonatos, mas a prática esbarra em sérios problemas, entre os quais o de identidade.

A equipe da cidade de Suzano, para citar apenas um exemplo, teve seu nome alterado quatro vezes desde 1991, em razão da mudança de patrocinadores. Atualmente, sequer figura entre as equipes participantes do Campeonato Paulista Masculino da Divisão Especial.

Antes da década de 1980, as práticas esportivas eram consideradas símbolos de pertencimento dos clubes mais tradicionais, e os atletas eram tidos como amadores. Com a entrada das empresas, a manutenção ficou mais cara e os clubes, sem opção, acabaram saindo de cena.

"O processo de profissionalização e de mercantilização do basquetebol tornou-se, ao longo do tempo, inevitável. As equipes ficaram extremamente vulneráveis e dependentes dos patrocinadores. Se a empresa sai, a equipe acaba", diagnostica o professor e ex-atleta Leandro de Melo Beneli, que apresentou dissertação de mestrado sobre o tema na Faculdade de Educação Física (FEF).

Beneli, orientado pelo professor Paulo Cesar Montagner, fez um estudo do panorama geral do basquetebol masculino brasileiro, passando por seu histórico e transformações, para chegar à discussão sobre a apropriação de características do esporte profissional nas categorias de base. Para ele, o mesmo processo observado nos times profissionais é evidenciado também nessas equipes de base. Hoje em dia, garotos com 14 anos de idade já ganham para treinar e participar dos campeonatos.

Estes aspectos, segundo o educador físico, remetem a uma reflexão sobre o papel do esporte, principalmente na faixa etária em questão. "Em busca de resultados, bom desempenho em campeonatos, com a finalidade de formar atletas, outros objetivos importantes do basquete são ignorados. O esporte é saúde, além de trabalhar valores como autonomia, disciplina, respeito e cooperação. Não é só desempenho em competições", defende.

Ex-atleta do clube Francana, de Franca, o autor da pesquisa não discute se o processo de profissionalização é negativo ou positivo. A proposta de Leandro Beneli segue na direção de propor uma reestruturação da modalidade em razão das transformações ocorridas ao longo dos anos, principalmente para os atletas que estão no início da carreira e inseridos nas bases.

Medidas como a relativização das regras para os iniciantes, levando em conta o esporte voltado para os adolescentes, e a diminuição do tempo de jogo, entre outras, já poderiam caracterizar melhor o basquete voltado para as categorias de base.



Fotos: Antoninho Perri

Garotos da base já recebem para jogar

O professor e ex-atleta **Leandro de Melo Beneli**, autor do estudo: "As equipes ficaram extremamente vulneráveis e dependentes dos patrocinadores"

Expansão urbana desordenada faz aumentar risco de inundação

A cidade de Santa Bárbara d'Oeste poderá ter um aumento das áreas inundadas nos próximos anos, caso não sejam tomadas medidas preventivas. O estudo conduzido pelo geógrafo Daniel Henrique Candido indica que, mesmo áreas que nunca sofreram as consequências do fenômeno, podem ser inundadas, principalmente se for mantido o elevado ritmo de expansão urbana, fato que está conduzindo a uma modificação na distribuição temporal dos eventos de precipitação, ou seja, das chuvas. "Nota-se que as chuvas têm apresentado maior concentração nos anos mais recentes. Desse modo, o risco de ocorrência de alagamentos e inundações tende a aumentar", explica.

Segundo Candido, os mesmos elementos utilizados para compor o estudo desenvolvido no Instituto de Geociências (IG), sob orientação da professora Luci Hidalgo Nunes, podem ser projetados para outras cidades da região. Ele explica que o clima é semelhante e os municípios estão concentrados na mesma área de abrangência. "Guardadas as devidas proporções, as precipitações extremas podem ser observadas em vários pontos da região, provocando danos semelhantes", explica.

Afora as consequências mais visíveis, como a perda material, Daniel Candido lembra que os impactos secundários das inundações também constituem aspectos a serem considerados. "São doenças e muitos problemas psicológicos que acompanham a população depois do evento", argumenta. As águas poluídas podem contaminar as casas e poços artesanais. Depois de alguns meses, conta o geógrafo, é possível aparecer problemas, como doenças de pele e respiratórias, em decorrência do contato com a água contaminada.

Em Santa Bárbara d'Oeste, por exemplo, a vinhaça, resíduo do processamento de cana-de-açúcar, é utilizada como adubo nas plantações. Assim, nos períodos de chuva, pode ocorrer a proliferação de bactérias nocivas à população. Um outro exemplo é uma lagoa de chorume, situada há menos de cem metros da nascente de um córrego que migra para o Rio Piracicaba.

Daniel Candido usou notícias veiculadas na mídia impressa da cidade para mapear 15 eventos ocorridos no período de 1970 a 2000. O estudo de caso levou em conta diversos fatores observados no município, como a rápida urbanização. "A população se agrupou justamente nas áreas inundáveis. Por isso, na década de 1980, o número de eventos cresceu consideravelmente", destaca.

Uma inundação ocorrida em fevereiro de 1970, na



O geógrafo **Daniel Henrique Candido**: maior concentração de chuvas nos últimos anos

área próxima ao Ribeirão dos Toledos, não teve danos muito graves e, no entanto, outro evento, desta vez em 1982, contemplou uma área espacial relativamente menor, mas com prejuízos mais sérios. Isto porque a área já abrigava boa parte da população. "O local deveria ter sido mantido com vegetação ou área pública e não autorizada a instalação de residências", acredita.

Candido alerta ainda para um local que está sendo urbanizado, próximo às instalações da Câmara Municipal. Em seu entorno, está sendo erguido um condomínio de classe média, o que significa que outros empreendimentos podem se estabelecer no local. O problema, no entanto, seria o declive elevado, sendo que nas proximidades existe uma área naturalmente suscetível às inundações. "Se não forem consideradas algumas medidas que impeçam a ocupação desordenada e a consequente impermeabilização do solo, num futuro próximo as consequências poderão ser danosas", alerta. (R.C.S.)

Pesquisa investiga escrita de crianças

Gravar "em cima", separado e, "embaixo" junto, pode parecer natural para um adulto que já está familiarizado com a escrita. Para uma criança, em idade de alfabetização, no entanto, o caso já é mais complicado. É muito comum encontrar em textos infantis junções e separações de palavras não previstas pelas convenções escritas, como "aiquedelícia" (Ai que delícia!) e "a quario" (aquário). Por isso, a linguísta Cristiane Carneiro Capristano decidiu investigar quais fatos lingüísticos que estariam por trás desses "erros" cometidos pelas crianças.

No estudo feito com a orientação da professora Maria Augusta Bastos de Mattos, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), a linguísta acompanhou a aquisição da escrita por duas crianças matriculadas no ensino fundamental.

Os textos produzidos pelas crianças fazem parte de um banco de escrita infantil, com cerca de dois mil dados, organizado por Cristiane, em parceria com o professor Lourenço Chacon, da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (Unesp), de Marília. O projeto pretende disponibilizar o material colhido ao longo de quatro anos (de 2001 a 2004) em duas escolas da região de São José do Rio Preto. Neste período, Cristiane freqüentou as escolas para colher textos de cerca de cem crianças.

A cada encontro, era sugerida uma atividade a ser desenvolvida. "Contava uma história e pedia a interpretação por escrito ou, ainda, que escrevessem uma receita, uma carta, algum texto livre para a análise", explica a linguísta. Para a tese de doutorado, Cristiane selecionou duas crianças mais freqüentes nas atividades para analisar as mudanças ocorridas no modo como ao longo do tempo as crianças segmentavam, por espaços em branco, suas produções escritas.

Dois fenômenos já descritos na literatura basearam o estudo de Cristiane, a hipossegmentação e a hipersegmentação. No primeiro, a junção das palavras é a marca da escrita e, no segundo, ocorre justamente o inverso. "As crianças precisam construir a noção de morfológica. As análises neste processo, na minha opinião, são fontes riquíssimas de informações para os professores, e possibilitam uma melhor intervenção no aprendizado", acredita Cristiane. (R.C.S.)